

Fundação Universidade Federal do Rio Grande

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambient.

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

Volume 17, julho a dezembro de 2006

A PESQUISA SOCIAL E MEIO AMBIENTE: EDUCAÇÃO A PARTIR DOS RISCOS SOCIAIS E AMBIENTAIS

Aloísio Ruscheinsky*

RESUMO

Os atores sociais envolvidos com o ambientalismo subscrevem um conjunto de ideais para a educação, de acordo com determinada concepção de sociedade e posicionam-se em defesa de processos políticos mais eficientes para atingir estes ideais, com o objetivo prático de superar a degradação ambiental e assegurar qualidade de vida. Educação e sustentabilidade filiam-se a projetos de justiça social que incluem redefinições do sujeito da modernidade e dos atores sociais no plano da reeducação do olhar, do desejo, dos interesses e dos valores, para a capacidade de deslumbramento e de reverência diante da complexidade do ecossistema e o encantamento com a alteridade.

Palavras-chave: ciências sociais, riscos, meio ambiente, educação, sustentabilidade.

ABSTRACT

The social actors linked with environmentalism subscribe to some ideas towards education according to a given conception of society, and defend more efficient political processes to reach these aspirations, with the practical purpose of overcoming the environmental degradation and to assure life quality. Education and sustainability are connected with projects of social justice that include new definitions of the subject of modernity and of the social actors regarding the re-education of the eye, of desire, interests and values, allowing the dazzling face the complexity of ecological systems and the enchantment with alterity.

Keywords: social sciences, risks, environment, education, sustainability

* Doutor em Sociologia, USP, docente e pesquisador na UNISINOS, Endereço Av Unisinos 950, CEP 93022-000 São Leopoldo/RS, aloisior@unisinos.br

1. O propósito da reflexão

A junção entre pesquisa, ciência e educação têm sido uma tônica do debate contemporâneo. Cabe aqui tecer uma reflexão sobre uma metodologia específica que pode ser aplicada de forma ampla nas ciências humanas e sociais, tanto no campo da educação e das ciências sociais, quanto do serviço social e das políticas públicas. Aliás, todos os profissionais que constroem suas atividades a partir de uma prática social que lida diretamente com a interpretação da realidade pelos seus interlocutores, deveriam ter algumas noções da metodologia da história oral ou história de vida.

O intuito do presente texto consiste em apontar um nexos entre educação e vida cotidiana a partir da metodologia de pesquisa conhecida como história oral. Em outros termos, assinalar a relevância da memória social como fonte de informação para o pesquisador, com a iniciativa de rever o passado para entender o cotidiano no presente. A abordagem levada a efeito pelos autores toma como suposto que a interpretação da vida cotidiana ampara-se numa construção de conhecimento, em cujo alicerce localiza-se uma realidade de conflitos sociais. Especialmente a pesquisa sobre educação na terceira idade tem muito a ganhar com esta metodologia, inclusive pode consolidar um meio peculiar de acessar à memória como referencial de interpretação do cotidiano.

Entendemos que a memória é um mecanismo peculiar através do qual foram retidas idéias, ângulos, impressões, fatos e conhecimentos adquiridos no transcurso de processo educativo e da história – por certo não se restringe a uma lembrança solta no tempo ou uma recordação sem compromisso, ao contrário consiste em uma relação, um significado e uma vida em jogo.

Na vida cotidiana o tipo de ambiente histórico possui um papel fundamental para afirmar um sentido positivo para a memória, como leitura da vida pessoal e do mundo. Retendo as devidas diferenças, uma comparação com o uso do termo na informática possui a sua utilidade, uma vez que neste campo se entende memória como dispositivo em que informações são registradas através de um dispositivo de armazenamento, conservadas até o momento oportuno, e posteriormente recuperadas. Ao longo dos anos os dados são armazenados, bem como a respectiva classificação e dali recuperados a qualquer hora para um processamento.

Para ser fonte de informação não se exige uma memória extraordinária que tudo mantém armazenado, ou que estabeleça um ordenamento de tal forma a produzir um discurso lógico. Todavia entre os diversos setores sociais haverá quem será capaz de reter maior

volume de informações, quanto mais extensa se demonstrarem a memória descritiva ou subsistir uma memória fotográfica.

Acreditamos que no seio do campo da pesquisa compreensiva vige uma pluralidade de interpretações e de caminhos para a realização da coleta de dados empíricos. É na direção do debate entre as óticas e os ventos que sopram na academia que elaboramos este texto, tecendo considerações sobre categorias em uso: pesquisa e memória, bem como os seus enlaçamentos. No percurso defrontamos a construção da memória social e a sua contribuição como fundamento para a abordagem peculiar da perspectiva popular, bem como na configuração ou elucidação de um conflito de cunho estrutural. Neste sentido, pretendemos destacar os fundamentos da produção intelectual por esta metodologia a partir de alguns autores, evidenciando como parâmetros para a produção da história com novos ângulos, para as perspectivas da educação numa sociedade complexa.

No presente texto pretende-se dar conta de possibilitar compreender atores sociais (RUSCHEINSKY, 1999b) envolvidos com o ambientalismo subscrevem um conjunto de ideais para a educação, de acordo com determinada concepção de sociedade e posicionam-se em defesa de processos políticos mais eficientes para atingir estes ideais, com o objetivo prático de superar a degradação ambiental e assegurar qualidade de vida. A educação ambiental requisita a pesquisa social sobre desvendar nexos entre o ambiente e as relações sociais, especialmente como condição de possibilidade para um processo educativo na sociedade de risco. A trajetória dos riscos ambientais pode ser revelada por meio da história de vida.

2. O ambiente real e o cotidiano na ótica de pesquisa

O surgimento das óticas de pesquisa parece que se relaciona de maneira radical com a criatividade e a curiosidade com que se observa o contexto social e ambiente natural. A literatura existente permite observar contribuições genuínas sobre o fazer pesquisa compreensiva no âmbito humano-social pela via da história e de outras disciplinas das ciências sociais, na tentativa de ‘mapear’ um contexto peculiar e os respectivos significados atribuídos pelos sujeitos sociais. Os educadores ambientais em seu fazer investigativo podem muito fecundar suas experiências e resultados se em todas as etapas do processo considerarem que seus métodos de pesquisa estão conectados com relações sociais (SELLTIZ 1974) e ao mesmo tempo sua função é a de explicá-las.

O cotidiano da educação e os riscos ambientais não se explicam a partir de si mesmos. Por este motivo o diagnóstico e a crítica a propósito de questões atuais parecem insuficientes

se partirem apenas das contingências do presente ou da conjuntura política. Nesse sentido, cabe um espaço para a defesa de como as referências ao passado auxiliam para elucidar aspectos da realidade educacional e para cogitar alternativas sobre os rumos da educação brasileira. Este último aspecto por sua vez é tarefa para uma abordagem não contemplada pelo presente texto.

A abordagem aponta para caminhos a serem percorridos no desenvolvimento de uma pesquisa educacional, tentando evidenciar alguns pontos, entre eles citamos: vantagens e limitações da utilização da história oral no conhecimento de problemas sociais (MEIHY, 2000) e educacionais a partir de uma perspectiva histórico-sociológica, bem como exigências de envolvimento e de impasses que esta investigação coloca ao pesquisador em termos teóricos e de prática de pesquisa.

A abordagem da história oral nos é sugerida na sociologia na medida em que tanto a pesquisa de campo, quanto a pesquisa histórica são fundamentais para a compreensão da sociedade e de questões peculiares das relações sociais. O progresso da pesquisa empírica na sociologia depende em grande parte da capacidade em refinar as técnicas de observação e de análise que permitam o conhecimento de situações da vida contemporânea.

A metodologia requerida por uma pesquisa coloca como intento cercar-se de informações a fim de traduzir o mais fielmente possível às circunstâncias da condição social de vida e a cultura de um grupo social ou de um fenômeno social. A destreza do pesquisador consiste em utilizar da interlocução de sujeitos comuns que habitam um determinado universo, um ambiente que constroem com suas atividades. A mediação dos relatos exaustivos para a coleta deve considerar a inter-relação entre passado e presente e este na perspectiva da construção do futuro.

Em seu texto *Memória e História*, Le Goff (1986) apresenta uma abrangente síntese dos muitos aspectos, momentos, condições que envolvem a sua construção, bem como das suas relações com o meio ambiente: memória individual/coletiva; memória como narrativa, identidade; memória social, memória étnica. É importante reconhecer que a complexidade, o significado e a tipologia da memória variarão de acordo a civilização. Considerando que nos encontramos numa sociedade de consumo onde a tendência é que tudo se transforme em mercadoria, importa a pesquisa para desvendar quais as dimensões e funções da memória que prevalecem.

Numa perspectiva dinâmica torna-se fundamental reconhecer as críticas formuladas às características da ciência moderna como um porto seguro, com as suas provas e certezas. A

compreensão que vem emergindo ou que cria fôlego nas ciências sociais navega como um desfecho provisório em suas considerações sobre os diversos aspectos de uma sociedade complexa. A metodologia em destaque parece apropriada para uma era de incertezas ou se abandona a ciência considerada com capacidade de explicação final ou exclusiva. As metodologias em tensão parecem ser consensuais no que diz respeito às interpretações do real sempre como tentativa, por maior que seja o acúmulo de dados consistentes. O conhecimento atual está sempre aberto à revisão.

Na metodologia da pesquisa da memória faz-se necessário ousar e reconhecer o passado como imagem veloz, que só se deixa fixar no momento em que é reconhecido, portanto foge da condição de estático, de imobilizado uma vez que aconteceu. Em outras palavras, “(...) *articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’*. Significa *apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento do perigo*” (BENJAMIN, 1994, p. 224).

Expresso desta maneira o problema central, pode-se afirmar que nesta metodologia importa reconhecer a dinâmica, o movimento, o fluxo, distinguindo-se o material coletado dos dados estabilizados, no trepidar da história ou lacunas estáticas existentes em meio ao movimento. Os elementos da memória social podem desbaratar as atuais vicissitudes do consumo, refundar as necessidades históricas, reescalonar os riscos ambientais e sociais.

A narrativa que almeja investigar a realidade social e ambiental, tentando compreender a complexidade dos fenômenos em curso na história, vai valorizar todos os olhares possíveis e destacar que os vencidos também fazem história e cuja perspectiva é igualmente relevante a dos vencedores. Em outros termos “(...) *o cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história*” (BENJAMIN, 1994, p. 223). Esta referência admite conectar as tensões que forjam a história e a rede relações sociais, como estrutura e subjetividade, educação e cotidiano, economia e cultura, vencedores e vencidos, global e local, sociedade e ambiente.

Nesta vertente pode-se valorizar a memória de setores que a política forjada pelos setores dominantes tende desconsiderar, mesmo sob a égide da democracia. O crescimento do ponto de vista da fenomenologia, bem como de um reencontro com a dialética, ocorre por conta de uma revolta contra a hegemonia do estruturalismo, que se não de forma intencional, mas na prática negava o significado da história dos setores subalternos, bem como endossa uma vertente que obscurece as possibilidades da mudança social. O método dialético oferece ao sujeito pesquisador, conforme Fernandes (1967), a possibilidade de ajustar-se

intelectualmente à realidade social de modo a compreendê-la sob todos dos aspectos em que ela pode apresentar-se, ou seja, em sua complexidade simbólica e material. Neste sentido, a pesquisa fundadora da prática sócio-ambiental levará em questão a trajetória cultural dos indivíduos, mas ao mesmo tempo as suas proposições não podem ater-se ao plano da ética e da consciência social como se estas estivessem for da organização social (LOUREIRO, 2004).

Neste sentido, na investigação em educação ambiental busca-se romper com qualquer determinismo, com padrões pré-determinados de pesquisa, com inusitados nexos entre educação e cotidiano. Segundo Thompson (1978), propõe-se que a investigação desvende as profundezas das experiências dos cidadãos, seus modos de vida, hábitos, tradições, sonhos, resignações, maneira de viver ou resistir às transformações em suas lutas diárias. Isto permite que o pesquisador desenhe a trajetória e os percalços da luta de classes em seu processo histórico, ou seja, desvelar o significado da ação social. O que permite avaliar a maneira de elaboração dessas experiências positivas e decepções em termos culturais, como fundamentos de uma visão de mundo.

Na perspectiva metodológica em destaque, ninguém está condenado ao completo aniquilamento, por mais que alguns setores sociais apareçam em suas vidas como que despindo-se da condição de sujeitos produtores de sua existência. Ou na percepção de Paulo Freire, o opressor encontra-se aninhado na consciência do oprimido e por isto sua visão de mundo é alienada em relação aos seus interesses e suas condições de vida. Portanto, privilegia-se a concepção de que homens-sujeitos fazem a sua própria história, mesmo que por linhas muito tortas e ambíguas – e conseqüentemente a sabem contar para o bem da interpretação da história.

A narrativa enfatiza uma visão de mundo, independente de seu conteúdo e significado – mesmo que seja para justificar a subalternidade diante da hegemonia de classe – e tal visão de mundo se expressa, normalmente, pela fonte oral, que por sua vez pode obter um auxílio de marcas deixadas na história, como seja através das canções, cantos populares, poesias, documentos iconográficos como as pinturas, fotografias e ainda, festas e outros acontecimentos comemorativos. A partir de vivências se formula uma sociologia do cotidiano, ou seja, a partir do interlocutor.

O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. Incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes (...). Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. Os narradores gostam de começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir (...). Assim, seus vestígios estão presentes de

muitas maneiras nas coisas narradas, seja na qualidade de quem as viveu, seja na qualidade de quem as relata. (BENJAMIN, 1994, p.201 e 205).

Com tal concepção, a pesquisa, através da metodologia da História Oral, segue a fileira de atribuir sentido a um movimento submerso. Reveste-se de importância ao evocar a memória como recurso que possibilita-nos, não apenas conhecer a história de homens, mulheres inseridos em uma ambiência, mas, principalmente, dar voz aos oprimidos. Os deserdados do progresso também vão construindo uma dada história, em sua essência diversa, da versão da minoria e também não oficial controlada pela elite.

3. A experiência e a leitura do real como educação no cotidiano

*Dos muitos modos de pensar
e de falar sobre memória ...
A memória em questão ...
São muitos os modos de pensar
e de falar sobre memória...
São muitos os modos para
constituição e desconstituição
da memória social*

A História Oral, como uma das metodologias qualitativa de pesquisa, detém inúmeras potencialidades, as quais revelam seu caráter heterogêneo e essencialmente dinâmico de captação de informações. A memória social – como uma das principais potencialidades – expressa uma fonte quase infinda de informações. Ao evocar as sombras das lembranças a fim de instigar a imaginação denota-se o intuito de se captar o que passou, a partir da visão de diferentes depoentes. O resultado tende a gerar uma produção rica e complexa de documentos, traduzindo “*a voz do passado*” (THOMPSON, 1992) em mediações de interpretação do presente. Os acontecimentos, os fatos que se sucederam e deixaram de ser suscitam outros e, como tal, potencialmente podem vir a ser, tanto do ponto de vista individual como na perspectiva social e política. A memória pode funcionar como um poderoso educador na medida em que servir como fonte de informação para traçar as razões que levaram ao sucesso ou ao fracasso de planos, sonhos, aspirações políticas e realização de interesses.

A narrativa que contempla os resultados da investigação traduz de maneira simultânea uma revelação fundamental a partir das intersubjetividades e a construção de evidências históricas. Ao tentar conectar as fontes da subjetividade e do factual contribui para que as similitudes e diferenças, de um dado grupo social, sejam afirmadas, portanto, constituindo-se num esteio seguro para a afirmação da identidade sócio-histórica. Por certo o pesquisador vai

levar em conta também a facticidade, as circunstâncias e os condicionamentos. Isto significa que é próprio da condição humana encontrar-se sempre comprometida com uma situação histórica não escolhida, portanto, são inexoráveis os liames como os condicionamentos sociais.

Autores que hoje podem ser considerados clássicos, por sua contribuição teórica para estabelecer esta perspectiva metodológica, destacaram-se como viajantes atentos em profundidade pelos porões da humanidade e pelos campos do socialmente submerso. Parece quase inútil reafirmar que a História Oral coloca em evidência a experiência e a dimensão cultural, em grande parte em oposição a uma história interpretada a partir de fatos considerados objetivos e o predomínio dos aspectos econômicos.

A sociologia do cotidiano tem em alta consideração a memória como fonte de pesquisa para compreender as relações sociais, a cultura política e o trânsito das ideologias. No campo da análise histórica constata-se que a experiência, o cotidiano e a cultura encontram-se intensamente presentes da obra de Thompson. Para o campo da educação ambiental a experiência dos sujeitos da ação é fundamental, como parte constitutiva da vida cotidiana. A experiência de uso dos recursos naturais deixa suas marcas também nas formas mais elaboradas da sociedade, como a arte, a educação, o direito, a religião, o lazer e o consumo. A experiência de contato com as belezas naturais (como o mar, a mata, o parque e as montanhas) é um dos requisitos para que através da educação ambiental possa emergir a defesa do meio ambiente. Mais do que isto, as belezas e os bens naturais precisam entrar na ótica da investigação dos sujeitos do conhecimento.

Desta maneira, a pesquisa com esta perspectiva em educação ambiental rompe trâmites ordinários e mergulha no espaço da experiência que conecta a intimidade do sujeito e seu mundo vivido. O que implica para os sujeitos da pesquisa, pesquisador e pesquisado, que existe uma implicação mútua entre linguagem e realidade, entre leitura de livros e do mundo. A experiência de contato com o ambiente pode ser de depredação, portanto não basta adentrar-se na mata ou passar um veraneio na praia para vestir-se de defensor ambientalista. A idéia expressa significa a valorização da experiência, propiciando à percepção apoderar-se dos sonhos e gostos, inquietações e reivindicações, crenças e valores, ligados a contextos mais amplos que o do mundo imediato, ou seja, da ambiência em que se pesquisa.

Neste sentido, o intento da educação ambiental consiste em enfatizar que a capacidade da leitura do meio ambiente possui o seu alicerce na experiência, na memória social. O primeiro passo da construção do conhecimento é a leitura da realidade, engendram-se mutuamente a leitura e a idéia, sendo de certa forma a compreensão do real também uma

forma de escrevê-lo ou de reescrevê-lo. Na seqüência, o conhecimento engendra ou incide novamente sobre a prática social a fim de transformar o real, o que em outros termos significa a possibilidade dos sujeitos sociais construírem uma compreensão do mundo diferente da sua condição humana e social.

A produção da condição de vida há um nexos intrínseco com as questões ambientais, o que eleva a relevância da pesquisa no processo da prática de transformação sob a égide da sustentabilidade (SAVOIE-ZAJC, 2003). A investigação, mais do que um processo rigoroso, conecta na história a trajetória com passado e futuro, mas visando a prática social numa perspectiva dinâmica de mudança.

Os desafios impostos cotidianamente – seja considerando os aspectos políticos do jogo do poder, seja o empenho para criar e recriar as próprias idéias – perpassam a construção da vida humana e social, bem como sendo intrínseco à relação histórica e política no *‘fazer-se’* sujeito. Numa situação de repressão, revela-se a contingência em que entram em ebulição forças sociais atentas para que não se reproduzam ou se diluam os embriões da memória. Entre outros fatores, preponderantes para as lutas sociais, consolidar memória do caminho percorrido como trajetória obtém importância progressiva. Segundo Ruscheinsky (1999a), na medida em que é: fonte de avaliação dos empreendimentos e as correspondentes forças atuando sobre a orientação dos mesmos; superação de entraves e perpetuação de registro e crítica; triunfo para avaliar o que deu certo ou errado em momento semelhante; fonte de aprimoramento para proposições e estratégias para as lutas sociais; retenção de elementos importantes para os estudiosos; enquanto instrumental na leitura do mundo pode influir para a emergência da prática social capaz de subverter o ordenamento da desigualdade social. Não sem considerar que a pluralidade, diversidade e desigualdade podem ser compreendidas como relevantes para proporcionar mudanças na sociedade em cujo alicerce encontra-se a memória.

Assim, o momento de investigação empírica reveste-se de importância e responsabilidade, não somente pela reconstrução do real, mas principalmente quando o defronta com os fundamentos teóricos que iluminam a análise e interpretação deste real, possibilitando a esta mesma teoria uma outra reconstrução, o que exige do pesquisador cuidados e atenção permanentes com o aporte teórico, no entanto sem confundir-lo com metodologia ou técnicas de investigação. Deve se ter presente que o método e seus instrumentos de pesquisa nascem no bojo de uma teoria.

Sobre isto, Thompson (1978, p.185). relata:

(...) sinto decepcionar aqueles praticantes que supõem que tudo o que é necessário saber sobre a história pode ser construído a partir de um aparelho

mecânico conceptual. Podemos apenas retornar, ao fim dessas explorações, com melhor mapa; com certa apreensão de todo o processo social; com expectativas quanto ao processo e quanto às relações estruturadas; com uma maneira de nos situar frente ao material; com certos conceitos-chave (a serem eles próprios aplicados, testados e reformulados) de materialismo histórico: classe, ideologia, modo de produção. Nas margens do mapa, encontraremos sempre as fronteiras do desconhecido. O que resta fazer é interrogar os silêncios reais, através do diálogo do conhecimento. E, à medida que esses silêncios são penetrados, não cosemos apenas um conceito novo ao pano velho, mas vemos ser necessário reordenar todo o conjunto de conceitos.

É preciso observar que a pesquisa e os estudos que se valem da memória de informantes, requerem uma outra exigência: o uso de uma abordagem multidisciplinar. Ajunte-se, todavia, também a capacidade de articular as peculiaridades do cotidiano e da subjetividade com o contexto histórico e os condicionamentos sociais. Além dos mais a história de vida tende a mostrar um aspecto parcial da realidade, mesmo que possibilite navegar do “indizível” ao “dizível”. Então, convém ser complementada para além da subjetividade do informante de dados recolhidos segundo outras técnicas e de outras fontes.

As abordagens múltiplas em educação ambiental (RUSCHEINSKY, 2002) condizem diretamente com as características da interdisciplinaridade. Muito cogitado por intelectuais e presente nos discursos inflamados, entretanto, na prática social os educadores ambientais tem demonstrado o quanto se beneficiam desta ótica.

Com o intuito de maior proximidade com os sujeitos de pesquisa e apropriação de suas condições de vida, deve-se considerar outros referenciais de conhecimento, o que tem propiciado rico diálogo entre diversas áreas do saber, possibilitando ao pesquisador outros olhares sobre as definições de seu objeto de pesquisa. A referida ampliação de horizontes e o vigor com a tonalidade com outros matizes resultam em trabalhos interessantes, os quais não teriam sido possíveis ou, muitas vezes, sequer teriam sido iniciados diante de constatação preconceituosa de que tais fontes seriam inviáveis. A valorização dos sujeitos da pesquisa pode contemplar alguns passos: conviver com o fenômeno que se quer investigar no sentido de obter familiaridade e não uma observação como mero visitante; passar da familiaridade à intimidade, quando não chegar ao ponto da cumplicidade, através do estágio da identificação prática e política.

4. Indivíduo, educação e ambiente social: memória e instituições.

“Eu sempre digo que sou otimista. Mas depois de terminar o livro Estado do mundo e entender melhor as dificuldades que precisaremos enfrentar para chegar a um mundo sustentável, fiquei um pouco pessimista. O consumo é algo tão profundamente arraigado em nós que é muito difícil mudá-lo ...” Gary Gardner

Na história existe um contínuo amálgama entre indivíduo e sociedade, entre sociedade e meio ambiente, entre dimensão da memória individual e as instituições. Na medida em que os educadores forem capazes de compreender este fenômeno, tanto mais irão avaliar que o seu fazer está diretamente conectado com o passado e o futuro da história. Portanto, jamais somente o cotidiano escolar se explica por si mesmo, bem como se valoriza a questão do método. Assim, discorrer sobre memória num processo de educação ambiental, é expressar sentimentos e emoções, o passado e presente, da vida particular de um ser humano, do grupo social a que pertence e do próprio grupo, em um tempo determinado. Ou seja, retrata uma cultura social cuja produção “(...) é o conjunto de expressões de um corpo social sobre si próprio e sobre o universo no qual se insere e que propicia a sua identificação, singularidade e permanência enquanto grupo. Para realizar-se a cultura possui como base um saber acumulativo das experiências coletivas temporais do social ao qual se vincula” (BRITO, 1989, p. 109).

Desta forma, a história representa tudo àquilo que os indivíduos conseguem registrar de seu presente, perpetuando-o como passado para um futuro. O que pressupõe que a história em relação à memória constitui-se como forma de preservação e releitura do real. A memória como um quarto, às vezes escuro e outras vezes claro, em preto e branco ou colorido, possui a capacidade de guardar – não como um depósito de conteúdo temporal e espacialmente distante da vida atual – as experiências e fatos vividos e presenciados, aos quais denominamos de lembranças. Além de retê-los, relacioná-los entre si numa perfeita combinação de significados e sentidos, os quais são imprescindíveis para a existência e continuidade cultural de uma sociedade e transmitidos por diversos suportes empíricos como a voz, a música, imagens, textos e outros, possibilitando a reprodução desta cultura. Reprodução no sentido de se dar um novo contorno, um novo significado, além do já existente, ou seja, imprimir contemporaneidade à questão da cultura de uma dada sociedade (BRITO, 1989).

A memória se revela individualmente ou coletivamente. A memória denominada individual e ao mesmo tempo subjetiva é aquela guardada por um indivíduo, repleta de experiências e vivências próprias. Ao mesmo tempo contém aspectos da memória do grupo social junto ao qual se formou e ao qual pertence, isto porque todos se alicerçam numa cultura, em jogo de poder da sociedade. A memória denominada como coletiva, é constituída

por acontecimentos de um passado coletivo de contato intenso com o meio ambiente, reconhecido e consolidado como importantes e relevantes, os quais são guardados como trajetória de uma sociedade.

Se “o tempo da memória” (BOBBIO, 1999) é a trajetória de reconhecimento dos direitos fundamentais de todo ser humano, a partir do reconhecimento da crise ecológica e da gênese da educação ambiental emerge o tempo para o reconhecimento de direitos da terra, dos bens naturais, da natureza em todas as suas dimensões. Torna-se cada dia mais evidente que os direitos civis, políticos e sociais entre outros progressivamente dependem da proteção dos recursos naturais. Com a deterioração ambiental também chegará o tempo de derrocada dos direitos humanos e a educação ambiental está aí para dar a sua contribuição neste processo.

As instituições-memória nascem em virtude de alguns fatores como: a perda seletiva de informação pelos sujeitos coletivos, expostos a um ritmo acelerado de trabalho urbano; o relacionamento prepotente com os bens naturais; a facilidade e rapidez nos meios de comunicação, as quais oferecem uma variedade em quantidade de informações, sem, no entanto, garantir as condições que possibilitem um cuidado crítico, de análise e seleção das mesmas. Desta forma, o cidadão contemporâneo, exposto a tais condições de vida, fica progressivamente sujeito à perda de uma das mais importantes funções da memória humana, que é a capacidade seletiva, ou seja, a de escolher o que deve ou não ser preservando na condição de lembranças, excluindo outros de menor relevância. Afinal, o horizonte do olhar e da capacidade de apreensão do real é limitado, enquanto incorporamos informações, deletamos outras menos significativas, bem como somos confrontados por um “armazenamento” que ultrapassa o empenho da vontade dos sujeitos.

A nostalgia que com freqüência povoa o discurso de pessoas idosas é reveladora de aspectos por vezes inusitados. A lamentação de mudanças ocorridas num período de tempo confidencia ao nosso olhar interrogativo que não se mantiveram promessas quanto a valores e virtudes, projetos e utopias. Ou alude ao desmoronamento de um sistema de valores onde a guerra, a ciência, a política, a concentração econômica ou a inovação tecnológica fizeram voar estilhaços (DEMARTINI, 1988). Evidentemente, a análise não vai ao encalço do passado para reconstruí-lo, mas antes para aprender com as lições da vida passada.

Enfim, tendo sido registrada a memória social cabe apelar para a interpretação de dimensões expressas seja pelos discursos, seja pelos objetos que povoam o cotidiano dos entrevistados. Para isto o uso do método explicativo adequado que procure ajustar a capacidade e criatividade do pesquisador aos fatos de maneira a permitir a compreensão dos fenômenos sociais em sua complexidade, totalidade e instabilidade.

Os fatos precisam ser percebidos e representados, ao mesmo tempo, em sua unidade e em sua diversidade. À semelhante método corresponde um processo de construção de conceitos que pretende apanhar a realidade em sua unidade e em sua diversidade – os conceitos se tornariam, então, categorias do pensamento plenamente saturadas da realidade empírica, ou melhor, passariam a desempenhar a função de reproduzi-la como algo concreto. (FERNANDES, 1967).

Neste sentido alguma experiência de acompanhamento da perda da biodiversidade de um manancial local ou de uma reserva biológica pode suscitar novo olhar sobre o ambiente. Como cidadão urbano convém descortinar os processos sociais que transformaram o espaço de um abrigo à vida, em um esgoto a céu aberto ou soterrado e sem tratamento. A promoção de tais narrativas a partir das experiências dos sujeitos, a visualização de novos espaços decisórios e a projeção de políticas públicas para alterar a deterioração de determinados espaços são fundamentos de um processo educativo saturado de realidade.

As chamadas novas institucionalidades em torno de questões ambientais - comitês de bacia, conselhos municipais de meio ambiente, ONGs e outros - podem fomentar novos sujeitos com ânimo para assumirem o protagonismo da mudança qualitativa. A ruína da degradação deixa de ter a aparência de um processo inevitável para integrar-se entre os méritos e a cumplicidade dos cidadãos. As narrativas da memória e o envolvimento em experiências podem fazer apanhar a realidade em sua unidade e em sua diversidade e ser um sopro de reflexividade para o fazer cidadão de proteção ambiental.

A pesquisa no campo da Educação ambiental sustenta a capacidade de permanecer otimista e esperançoso contra toda sorte de vicissitudes e percalços. A reflexividade a partir da memória social pode levar a compreender nossos entrelaçamentos com o consumo e entender adequadamente o grau das dificuldades a enfrentar a fim de atingir uma sociedade sustentável. O consumo fustigado pelo imaginário capitalista é algo profundamente arraigado e mudá-lo representa uma tarefa significativa tanto para conquistar a qualidade de vida de forma universal, quanto para a sobrevivência do planeta. Como mudar o imaginário de felicidade, de necessidades básicas, separando-o do consumo? Numa sociedade que busca o inverossímil – a satisfação numa sociedade de insatisfeitos – esta é a pergunta mais importante a se fazer.

4. Enfim: educação a partir dos riscos sociais e ambientais

Para finalizar, cabe enfatizar que a História Oral, como procedimento investigativo apropriado para educadores e outros profissionais que lidam de maneira prioritária com determinado públicos alvo. Esta metodologia se apresenta como instrumento de viabilidade para uma produção intelectual orientada a partir de testemunhos históricos. Como contribuição para a abordagem da história auxilia para evitar o esquecimento e para registrar múltiplas visões de fenômenos do passado. O uso desta metodologia pode conduzir ainda para uma dinâmica de construção e reconstrução de identidades sociais.

Todo educador deveria pautar as suas atividades profissionais a partir de um trabalho que envolve o horizonte de pesquisa como um princípio educativo. O exercício da educação ambiental requer um conhecimento com algumas especificidades para demarcar as suas diferenças (ZARRZEVSKY & SATO, 2003): conhecimento prático, integrador e epistemologicamente diferenciado, complexo e processual. Um conhecimento que contemple diferentes níveis de complexidade cruza também pela história de vida dos sujeitos sociais.

A formação continuada será tanto mais efetiva quanto mais os educadores se dedicarem também à vida cotidiana e ao ambiente como mediações apropriadas. A investigação através da metodologia pertinente permite, além da reconstrução do passado pelo presente, a possibilidade de ampliação nos horizontes de consciência das pessoas envolvidas (MORIN, 1999). Os sujeitos da pesquisa, mesmo o público que dela tomará parte, seja direta ou indiretamente, darão um tributo pela própria documentação histórica levantada – em seus mais diversos suportes, seja estes textos, imagens fotográficas, músicas, objetos e outros, possibilitando uma melhor compreensão de como recuperar aspectos peculiares e conservá-los como um valor na vida local.

Sem receio de heresia, pode-se afirmar que com frágil memória sócio-histórica a propensão de qualquer forma de participação é sucumbir diante das debilidades, em vez de manter-se a visibilidade efetiva no cenário dos conflitos sociais. Apontamos como, no bojo do cotidiano ou dos conflitos sociais que perpassam o estatuto das relações sociais, se constrói a leitura do real, a solidariedade e a oposição às demandas sociais. Em outras palavras, como os sujeitos apreendem o contexto dos fenômenos sociais, em cujo percurso se situa a memória e o conflito das interpretações.

O mergulho compartilhado no passado faz emergir sujeitos com mais largo horizonte de visibilidade social e informados quanto aos problemas contemporâneos, da comunidade, do ambiente, dos riscos. Se as conseqüências forem testadas geralmente conduzem a ações conjuntas, cujo teor político visa à superação dos problemas detectados. O que permite,

também, avivar a consciência dos sujeitos históricos para a condição de pertencimento ou de não-pertencimento a organizações, grupos, instituições, países.

A reposição da memória, num primeiro plano, projeta-se rumo à democratização das relações sociais, bem como conduz, não só interrogar sobre identidade, senão perguntar por processos identitários. É na busca da reconstrução e reconhecimento da identidade social que se descobrem motivos para debruçar-se sobre o passado e o presente, sobre o tempo e o espaço traçar as referências reais da ação histórica.

A pesquisa empírica e a interpretação precisam caminhar juntas para projetar os encaminhamentos requeridos para a construção do conhecimento. Se o cientista ou o profissional da ação social concentra-se na investigação da memória para captar a alteridade, em dado momento, há de examinar sua significação para a elaboração de conhecimento, especialmente sobre as representações sociais. Neste sentido, emerge a possibilidade de compreender as razões pelas quais projetos pedagógicos ou uma legislação considerada avançada não proporcionam o efeito cogitado: faltou-lhe sintonia com o cotidiano e a leitura de mundo.

O campo da educação ambiental terá benefícios com a incorporação de estudos sobre a questão da memória social ao adotar a perspectiva histórico-cultural. Isto permitirá compreender de forma mais consistente as diversas e profundas inconsistências do presente que atordoam os caminhos do ambientalismo. No presente texto enfocou-se a memória enquanto prática social, como um modo historicamente constituído de pensar e de falar, de planejar e de agir, de destruir e reconstruir. Procuramos compreender os modos de elaboração coletiva da memória, buscando indícios da constituição da memória no nível individual e indagando sobre a participação na constituição do social.

Educação e sustentabilidade em seus múltiplos sentidos filiam-se a aspectos interligados (RUSCHEINSKY, 2004): projetos de justiça social que incluem redefinições do sujeito da modernidade; reconhecimento dos atores sociais no plano da reeducação do olhar, do desejo, dos interesses e dos valores; redefinição do rol das necessidades básicas subsidiada por uma solidariedade radical; capacidade de deslumbramento e de reverência diante da complexidade do ecossistema e da biodiversidade; encantamento com a alteridade presente na biodiversidade, a fim de que se possa reconhecer a sua incalculável riqueza e o quão desigual a sociedade em que habitamos.

Referências

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política; Ensaios Sobre Literatura e História da Cultura*. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRITO, Marilza E. *Memória e Cultura*. Rio de Janeiro: Centro de Memória da Eletricidade no Brasil, 1989.

BOBBIO, Norberto. *O Tempo da Memória: De Senectude e Outros Escritos Autobiográficos*. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

DEMARTINI, Zeila B.F. Histórias de vida na abordagem de problemas educacionais, in VON SIMSON, Olga R. M.(org). *Experimentos com Histórias de vida*. São Paulo: Vértice, 1988.

FERNANDES, Florestan. *Fundamentos empíricos da explicação sociológica*. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1967.

LE GOFF, J. *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

LOUREIRO, Carlos F. B. *Trajetória e fundamentos da educação ambiental*. São Paulo: Cortez Ed., 2004.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

MORIN, Edgar. *O método 3. O conhecimento do conhecimento*. Porto Alegre: Sulina, 1999.

RUSCHEINSKY, Aloísio. Conflito e memória social. In: SANTOS, José Vicente Tavares. *Violência na sociedade contemporânea*. São Paulo: Hucitec, 1999a, p. 322-339.

_____. *Atores políticos e lutas sociais*. Porto Alegre. Edipucrs, 1999b.

_____. *Educação ambiental: abordagens múltiplas*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

_____. *Sustentabilidade: uma paixão em movimento*. Porto Alegre: Sulina, 2004

SAVOIE-ZAJC, Lorraine. A pesquisa e o processo da prática da transformação educativa: reflexões no marco de um projeto internacional em educação ambiental, in SANTOS, J.E. & SATO, M. *A contribuição da educação ambiental à esperança de Pandora*. São Carlos: Rima Ed., 2003, p. 289-300.

SELLTIZ et all.. *Métodos de pesquisa nas relações sociais*. São Paulo: EPU, 1974.

THOMPSON, Eduard P. *A Miséria da Teoria – Ou um Planetário de Erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: Historia oral*. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

ZARRZEVSKY, S.B. & SATO, M. Refletindo sobre a formação de professor@s em educação ambiental, in SANTOS, J.E. & SATO, M. *A contribuição da educação ambiental à esperança de Pandora*. São Carlos: Rima Ed., 2003, p. 63-84.